

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

ERIKA VIEIRA CARDEAL

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Especialização em Psicopedagogia.

Orientadora: Valéria Cristina Ruiz Felix

São Sebastião do Paraíso - MG

2011

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG ____ / ____ / ____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar á Deus, pelo dom da vida que ele me deu, sua presença constante em meu viver, pela força, coragem e determinação, pois sei que minha vitória foi ele quem deu.

Aos meus queridos pais Sebastião Cardeal Primo e Maria Aparecida Vieira Cardeal por me fazer a mulher que hoje sou, e que sempre acreditaram em minha capacidade.

Ao meu querido namorado Kedson B de Sá, pelos momentos de compreensão e carinho que me fizeram crescer e acreditar cada vez mais nos meus ideais.

Ao colegas de curso pelos momentos que compartilhamos, muitos deles, felizes e outros tristes,mas o que fica são as boas lembranças.

E finalmente meus agradecimentos são também a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram neste meu caminhar.

Meu carinhoso abraço a todos que acreditaram em mim.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 – EDUCADOR E EDUCANDO DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES.....	8
2 – DEFICIÊNCIA NA APRENDIZAGEM.....	12
3 – OS TIPOS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	22
3.1 – Dislexia.....	24
3.2 – Dislalia.....	26
3.3 – Apraxias.....	27
3.4 – Disortografia.....	28
3.5 – Afasia.....	29
3.6 – Disfasia / Audiomudez.....	30
3.7 – Disfasia.....	30
3.8 – Ecolalia.....	31
3.9 – Problemas Graves de Comunicação.....	31
3.10 – Mutismo Seletivo.....	32
3.11 – Disglassias.....	32
3.12 – Atraso da Fala.....	32
3.13 – Atraso de Linguagem.....	32
3.14 – Hiperatividade.....	33
3.15 – Déficit de Atenção.....	33
.16 – Discalculia.....	34
4 – O PAPEL FAMILIAR E O TRABALHO DO PSICOPEDAGOGO.....	36
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

RESUMO

Este estudo bibliográfico consiste numa síntese da leitura de aspectos referentes aos Problemas de Aprendizagem em jovens e crianças, com causas relacionadas ao sujeito que aprende; seus contextos familiares, escolares e individuais, juntamente com os distúrbios de aprendizagem que estão relacionados a um grupo de dificuldades específicas e pontuais, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica. Na sociedade atual essas dificuldades são trabalhadas com profissionais habilitados para tal, como educadores psicopedagogos, psicólogos, psiquiatras, neurologistas e outros que se preocupam com os mesmos, através do árduo trabalho com esses problemas específicos e podem auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem de forma eficaz para que haja maior aproveitamento do mesmo.

Palavras chave: dificuldades – distúrbios – aprendizagem - desenvolvimento

INTRODUÇÃO

Todos os dias deparamo-nos com dificuldades de aprendizagem que exigem atenção especial, pois essas pessoas são até ignoradas e mal tratadas e essa é uma das maiores preocupações dos educadores, que não encontram uma fórmula para lidar com situações que envolvem dificuldades de aprendizagem propriamente ditas.

Muitos educadores desconhecem que esses indivíduos podem apresentar problemas de aprendizagem de ordem orgânica, psicológica, social ou outras. Antes de rotularmos os alunos, é necessário conhecermos os problemas mais comuns no processo de ensino-aprendizagem, ampliando, assim, nosso horizonte de reflexão.

Alguns estudiosos defendem a tese de que a maioria das dificuldades de aprendizagem são resultados de lesões cerebrais devido a desnutrição, falta de oxigenação, herança hereditária e até falta de determinadas substâncias presentes em alimentos, o que faz com que possa ocorrer o retardamento do desenvolvimento do sistema nervoso e causar lesão permanente acarretando, assim, problemas na aprendizagem.

É bom e necessário observar como a criança brinca, ouvir o que ela tem a dizer, as conversas entre si, tentar perceber como vê o mundo e como organiza seu pensamento, sua lógica e, além disso, permitir que ela manipule objetos, movimente-se e aprenda os diferentes conteúdos, utilizando o seu corpo e seus sentidos.

É preciso que se observe o ser humano tal qual ele é, complexo, e por partes, para que se possa atribuir a uma criança uma deficiência cognitiva a partir de uma resposta imprópria apresentada por ela através de atitudes e ou ações realizadas por ela.

Usando metodologia teórica bibliográfica exploratória, a escolha deste tema se deu pelo fato de que a sociedade não se encontra satisfeita com os resultados

apresentados no que diz respeito à diminuição dos problemas referentes á dificuldade de aprendizagem e assim sendo percebe-se a necessidade de mudanças urgentes.

Esse estudo apresenta orientações para o melhor desenvolvimento do indivíduo, auxiliando profissionais no desenvolvimento e sua árdua tarefa, a orientação da aprendizagem, desenvolvimento social, pessoal e cultural, facilitando o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do pensamento a fim de que possa diminuir os problemas de dificuldade de aprendizagem existentes.

1 - EDUCADOR E EDUCANDO DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES

A escola convive com situações de violência como o uso de drogas, a desestruturação familiar entre outros e sendo assim devemos pensar em todos os aspectos relacionados com a afetividade, com a formação da cidadania, ética, autoestima, entre outros.

O aprender depende de três fatores:

_ Querer aprender. O conhecimento que o professor pretende transmitir precisa ter algum significado para o aluno. O aluno precisa desejar ter o conhecimento.

_ Possuir as condições físicas e emocionais necessárias ao aprendizado.

_ Precisa estar disposto a despende o esforço necessário ao aprender.

O professor deve ser um facilitador da aprendizagem, não apenas aquele que ensina, mas o que fornece as asas, para que o aluno possa aprender. O aluno deve ser direcionado à reflexão para opinar, questionar, posicionar, resolver problemas, tomar decisões, trabalhar em grupo e usar recursos disponíveis de modo adequado. Deve ser educado para atuar na sociedade e estar devidamente preparado para o exercício real da cidadania. A condição essencial para que um aluno tenha bons resultados, é a recíproca confiança entre professor e aluno.

Devemos incentivar os educandos a darem frutos em sua existência como sabedoria e conhecimento, porque um ser humano tem de ser consciente da sua realidade interior. É importantes que formemos pessoas capazes de conhecer a si mesmas e analisar sua realidade, buscando soluções para seus problemas e estabelecer normas para conduzir sua própria vida.

O homem é como uma mina rica em jóias de inestimável valor.
A educação tão somente pode fazê-la revelar os seus tesouros

e habilitar a humanidade a tirar dela algum benefício (MIZUKAMI, 1986).

Atualmente, os pais têm certa tendência em querer colocar a responsabilidade na escola, pois trabalham muito, não têm tempo, não têm informação, não têm instrução e acreditam que a escola deve educar seu filho.

O ato de educar necessita do compromisso e envolvimento de todos os envolvidos no processo e não podemos nos esquecer que a eficiência no ensino aprendizagem é o maior de todos objetivos da escola, sendo necessário promover uma aprendizagem significativa que leve a inserção de nossos educandos nas questões sociais, políticas e econômicas, destacando valores éticos, num universo cultural maior.

A escola deve trabalhar dentro de conceitos de realidade social, aquela na qual o aluno está inserido, e como diria Gadotti (2000) e a tendência predominante na abordagem de conteúdos na educação escolar se assenta na transmissão e incorporação, considerando esta incorporação como aquisição de conteúdos pelo aluno com a finalidade essencial do ensino. Existem, no entanto, outros posicionamentos: há quem defenda a posição de indiferença em relação aos conteúdos por considerá-los somente como suporte ao desenvolvimento cognitivo dos alunos e há ainda quem acuse a determinação prévia de conteúdos como uma afronta às questões sociais e políticas vivenciadas pelos diversos grupos.

Segundo Coll (2004), se cada um cumprir com seu papel, pais, professores e alunos, certamente nossos futuros cidadãos serão cada vez mais críticos, independentes e terão maior consciência dos significados de palavras como “tolerância”, “gratidão”, “respeito”, “companheirismo”, “amizade”, “limites”, “sim e não” e teremos um mundo melhor, pois todos esses aspectos estão relacionados com a socialização do indivíduo, e faz com que ele se insira perfeitamente na escola e seja participativo do processo de escolarização.

Não é fácil definir um papel para educação, sociedade e escola no contexto sócio cultural atual, porque a escola transformou-se em família e a família transformou-se em escola, não existindo separação e, com os papéis trocados, certos pais fazem papel de professores e vice-versa, isso é o chamado

profissionalismo docente paternalizado, e um paternalismo escolarizado, com vários limites e percepções confusas.

O homem foi feito para viver com seus semelhantes, e é realmente notável a capacidade infantil para apreender as relações humanas, mesmo as aparentemente sutis e menos explícitas. (PATTO, 1982)

Citando Eugênio Mussak, “educar é ensinar a pensar”, e acreditamos que ensinar a pensar é mostrar todos os horizontes a serem seguidos pelo educando, deixando-o livre para encontrar a melhor forma de alcançar sua meta. Vivemos, sim, novos tempos, uma era de conhecimento.

Conhecimento não é informação, é transmissão de informação. Conhecimento é mais, é a informação interpretada, codificada, transformada, ampliada e assimilada. Conhecimento não se transfere, se constrói e “a Imagem que temos de nós mesmos não é o retrato que outros vêem de nós, porque os outros não vêem a mesma pessoa. (PATTO, 1982)

O Educador quer educar, a escola é a coadjuvante principal da educação, mas que precisa e depende de parcerias, o aprender a conhecer, a fazer, a conviver e ser, não conseguem completar-se, caso não haja consciência de um ambiente múltiplo, heterogêneo em que cada indivíduo colabore com uma porção de conhecimento.

É preciso mais eficácia ao se firmar compromissos, pois se espera muito da educação e, conseqüentemente, dos professores e das escolas, muitas vezes deixando toda responsabilidade, em cima dos professores.

Nossas crianças estão muito mal preparadas para a vida e para a sociedade, abandonaram-se os princípios, valores e limites, pois a questão é complexa e se toda uma geração chega à escola sem princípios, é porque em sua época os princípios caíram, e não há como querer reerguê-los, sendo assim é quase impossível se formar cidadãos responsáveis e humanos. Espera-se que o sistema educacional seja mediador para que perpetue crenças e culturas sempre com o devido cuidado para não se perder as relações humanas.

Sendo essas ligações tão importantes na formação da personalidade dos indivíduos, a criança vai estabelecendo com os adultos vários padrões afetivos e essas relações fornecem um suporte que permite à criança explorar o ambiente que

envolve a afetividade e a emoção, como elemento básico. Cabe aos pais e professores entendê-las e apoiá-las orientando-as sempre, para que haja assim, uma melhor expressão afetiva, particularmente, nos primeiros anos de vida e a escola esforçar-se para oferecer um ambiente estável e seguro que seja facilitador da sua aprendizagem.

É muito importante que os professores compreendam o desenvolvimento afetivo do educando e o seu papel de mediador na aprendizagem do mesmo.

Ao observar as situações pelas quais os professores passam todos os dias, independente do grau de ensino em que atuam, percebe-se como as suas concepções influenciam os alunos, pois estes ficam sem ação, em que algumas vezes não conseguem ou não podem expressar seus pensamentos por medo de confrontar com as idéias dos educadores ou de errar.

É através de relação de cooperação e interação entre o adulto e a criança que acontecerá a determinação do desenvolvimento da autonomia. Esse instante é um bom período para avaliar qual é o índice de autoritarismo exercido pelo mestre e como é o seu relacionamento com os estudantes, o que é muito importante durante o processo de ensino aprendizagem.

2 - DEFICIÊNCIA NA APRENDIZAGEM

Quando falamos em dificuldades de aprendizagem, abrangemos problemas decorrentes do sistema educacional e de influências ambientais para a permanência, aumento ou diminuição do problema.

Uma dificuldade de aprendizagem é um transtorno permanente que afeta a maneira pela qual os indivíduos com inteligência normal ou acima da média selecionam, retêm e expressam informações. Informações essas que entram ou que saem e podem ficar desordenadas conforme viajam entre os sentidos e o cérebro.

Para Paín (1992), os problemas de aprendizagem são aqueles que se superpõem ao baixo nível intelectual e não permitem ao sujeito aproveitar as suas possibilidades.

Segundo Papalia e Olds (2000), para que se estabeleça se ocorreu ou não a aprendizagem, é necessário que haja mudanças e que essas ocorram permanentemente pois existem no mínimo sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se realize: saúde física, mental, motivação, domínio prévio, inteligência, amadurecimento, concentração ou atenção e memória. A falta de um desses fatores pode ser a causa dos tantos insucessos e das muitas dificuldades de aprendizagem de nossos educandos.

Muitas crianças e os adolescentes apresentam dificuldades no processo de aprendizagem e essas se agravam mais e mais quando as mesmas trazem consigo o estigma de menos capaz ao contexto e às exigências escolares, pois são rotulados como deficientes conforme se apresentam à sociedade.

Corrêa (2001), afirma ao citar Ribeiro, que o problema da baixa qualidade da educação brasileira não era devido ao índice de evasão, mas a alta taxa de reprovação e, hoje, vemos alunos que passam de um ano para outro, mas não

trazem bagagem suficiente para cursar os próximos anos devido a questão da má qualidade da educação devido ao alto índice de dificuldade de aprendizagem.

Esses problemas são vivenciados como situação de fracasso e fazem com que educandos sintam-se frustrados e incapazes, gerando desmotivação e sentimento de impotência dos próprios educadores.

(...) deficiências, carências ou diferenças que vão desde comparações e atribuições valorativas de seus hábitos cotidianos até sua incompetência lingüística. Dessa forma, percebe-se afetados o campo físico (na inabilidade de utilizar objetos que ela não conhece, por exemplo), o sócio-afetivo (na inabilidade de se relacionar em determinados meios) e o campo intelectual (na inabilidade de se comunicar de forma eficiente ou aprender na escola) (GRIFFO, 2002).

O problema com a dificuldade de aprendizagem é detectado quando a criança tem dificuldade em escrever legivelmente, aprender a calcular, soletrar com exatidão, aprender a ler, pensar claramente, recordar fatos, colocar coisas em sequência, copiar formas e seguir instruções; ou se fica confusa, é desajeitada, impulsiva, hiperativa ou desorientada, tornando-se frustrada e rebelde, deprimida, retraída ou agressiva.

O aluno com dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, exige atendimento variado, com aulas particulares, aconselhamento acadêmico especial, desenvolvimento de habilidades básicas, assistência para organizar e desenvolver habilidades de estudo adequadas e até atendimento pedagógico, psicopedagógico, fonoaudiológico, entre outras. Foi determinado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, artigo 54, inciso 3, que diz ser dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente portadores de deficiência, atendimento educacional especializado, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Na prática, o cumprimento desta lei é irrelevante por conta do mal preparo dos profissionais que, deparam-se com problemas que não podem resolver, não por falta de boa vontade, mas por carência de possibilidades reais para sua realização, pois tem 30 alunos para orientar e um com algum tipo de dificuldade.

Para que se possa diagnosticar um aluno com problema de aprendizagem é preciso uma avaliação feita por profissionais.

O professor deve tentar descobrir qual a área da dificuldade do seu educando e estar bem atento, principalmente nos primeiros anos de escolaridade da criança.

Dessa forma torna as possibilidades de resolução ou amenização do problema bem possível.

As representações que os professores têm do fracasso escolar denunciam que eles estão convencidos de que o problema é do aluno e da sua família" e desviam toda sua possível e provável deficiência, além da omissão de fatores externos e internos do problema. (CORRÊA, 2001)

As crianças com dificuldade de aprendizagem são vistas como um desafio a mais para o educador e sempre existem alguns desses que as consideram preguiçosas e desinteressadas, rotulando-as e muitas vezes escondendo a prática docente que atribui ao aluno certos adjetivos negativos por falta de conhecimento sobre o assunto.

A maioria dos educadores desconhecem que essas crianças podem apresentar problemas de aprendizagem de ordem orgânica, psicológica, social ou outra. Portanto é necessário que antes de rotular os alunos, conheça os problemas mais comuns no ensino e na aprendizagem para ampliar suas reflexões e percepções como profissional.

Para muitos indivíduos, aprender pode ser um desafio, não uma deficiência de aprendizagem, pois toda pessoa tem pontos fracos no que diz respeito a aprendizagem, umas possuem grande capacidade de ouvir, outros de assimilar muitas informações simplesmente ouvindo e outros, ainda, têm facilidade com o visual e aprendem melhor lendo.

Acredita-se que exista uma diferença entre simples problemas de aprendizagem e deficiências de aprendizagem, pois os problemas de aprendizagem podem ser vencidos com paciência e dedicação enquanto que a deficiência de aprendizagem é tida como algo mais profundo.

A deficiência de aprendizagem não implica forçosamente que a criança seja deficiente mental.

Segundo Miranda (2000), muitas crianças com deficiência de aprendizagem tem inteligência média ou acima da média; algumas, de fato, são extremamente brilhantes. É esse paradoxo que muitas vezes alerta os médicos da possível presença de uma deficiência de aprendizagem.

Segundo o Comitê Nacional de Dificuldades de Aprendizagem (EUA, 1997):

Dificuldade de Aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldade na aquisição e no uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas desordens são intrínsecas ao sujeito, presumidamente, devido a uma disfunção no sistema nervoso central, podendo ocorrer apenas por um período na vida.

Segundo Antoniuk (2005), o tema dificuldade de aprendizagem é de grande interesse atual, tanto por parte dos profissionais da educação, como da saúde, porque “aproximadamente 20% das crianças apresentam dificuldades na aprendizagem escolar.”

Smith e Strick (2001), destacam comportamentos problemáticos como fraco alcance da atenção, dificuldade para seguir instruções e de conversação, imaturidade social, inflexibilidade, distração, falta de destreza e de controle dos impulsos.

As questões educacionais que mais têm preocupado os profissionais ligados ao ensino, referem-se aos altos índices de evasão e reprovação escolar que têm sido registrados nas escolas municipais e estaduais e o grande número de criança que têm recorrido a tratamento psicopedagógico com dificuldade de aprendizagem (MORAIS, 2001)

Os profissionais que atuam no sistema educacional não possuem parâmetros concretos que permitam a identificação da criança com dificuldades de aprendizagem e isso faz com que o reconhecimento e diagnóstico torne o problema ainda mais grave.

Conforme Castaño (2003), a dificuldade de aprendizagem pode ser caracterizada pelas alterações no processo de desenvolvimento, tanto na leitura, como na escrita e no raciocínio lógico-matemático, podendo estar ou não associadas a comprometimentos da linguagem oral propriamente dita.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem apresentam-se cada dia mais desmotivado, pois acreditam na sua incapacidade de realizar tarefas escolares com sucesso.

Crianças que apresentam problemas de fracasso escolar atribuem isso à incompetência pessoal, se sentem envergonhadas, duvidam de si mesmas, têm baixa estima e distanciamento das demandas da aprendizagem, o que caracteriza esse fracasso. Estas crianças com dificuldade de

aprendizagem apresentam um risco elevado de terem um autoconceito negativo, principalmente quanto à área acadêmica e são excessivamente autocríticas e mantêm altos padrões de exigência, embora não sejam bem avaliadas pelas outras pessoas. (CORRÊA, 2001)

O aspecto afetivo pode favorecer a aprendizagem através da autoestima, confiança, respeito e valorização do aluno contribuindo para o seu sucesso.

As mesmas deficiências na leitura, na escrita e na matemática interferem também na prática de esportes e em outras atividades, seja na vida familiar ou no relacionamento com os amigos. Portanto, é essencial que recebam apoio incondicional de todos a sua volta.

Segundo Silva (2002), a dificuldade de aprendizagem de alunos que fracassam não é consequência de problemas pessoais, mas de um conjunto de condições socioculturais e escolares que dificultam ou até impossibilitam sua inserção nos processos de aprendizagem escolar; e entre as principais causas das dificuldades de aprendizagem e de ajustamento escolar estão as causas orgânicas, emocionais, educacionais e socioeconômicas. Sendo que, as causas orgânicas englobam as perturbações transitórias, falta de concentração, déficit alimentar, além do fator neurológico que interfere no campo da aprendizagem como o retardamento mental, lesão cerebral, ausências ou disritmias, disfunção cerebral mínima, genética ou congênita, distúrbios da inteligência e problemas de comportamento.

A origem de toda aprendizagem está nos esquemas de ação desdobrados mediante o corpo. Para a leitura e integração da experiência é fundamental a integridade anatômica e de funcionamento dos órgãos diretamente comprometidos com a manipulação do entorno, bem como dos dispositivos que garantem sua coordenação no sistema nervoso central. (PAÍN, 1992)

As causas emocionais tornam-se componentes importantes no processo de aprendizagem, pois agem no querer aprender que muitas vezes pode estar adormecido devido a algum conflito interno ou externo que a pessoa vive e esse problema pode afetar de tal forma que a impeça de adquirir uma aprendizagem normal.

As crianças das classes dominantes chegam à escola de posse do capital cultural e lingüístico legítimo, adquirido em seu grupo social, o que lhes possibilitam maiores chances de

sucesso na escola, já as crianças das camadas populares não dispõem desse capital cultural, pois adquiriram em seu grupo social uma outra linguagem considerada não-legítima, e por isso ocorre o fracasso das mesmas na escola. (SENA, 2002)

Por isso, o indivíduo é considerado fracassado por ter dificuldade de aprendizagem quando não se enquadra nos tipos ditos normais de comportamento do grupo no qual está inserido.

Necessita-se instaurar dentro das escolas, medidas preventivas essenciais para a reestruturação do aluno em sua forma mais abrangente, evitando assim, as situações traumatizantes que os problemas de aprendizagem escolar causam, que não são, ao menos, respeitadas. Toda e qualquer dificuldade escolar tem uma causa e uma solução. Ninguém nasce com dificuldades escolares, elas aparecem ao longo do caminho e precisam ser observadas e solucionadas. (NUNES, 2003).

Segundo Weiss (1999), são muitas as causas para o aparecimento das dificuldades de aprendizagem e também as formas como se manifestam e deve-se ter em mente que as causas são múltiplas. Quando um indivíduo não aprende, vários fatores contribuem para isso e dentre os diversos fatores que causam distúrbio de aprendizagem, podemos citar:

_ Deficiência mental	É uma das causas mais comuns e freqüentes das dificuldades de Aprendizagem. A deficiência afeta as áreas simbólicas e ler e escrever são processos simbólicos. Mas, tem de ficar claro que a criança deficiente também aprende e passa pelos mesmos estágios de desenvolvimento pelos quais passa uma criança normal, só que a primeira demora mais tempo para atingir esses estágios e passar por eles;
_ Déficits sensoriais e físicos	Crianças que possuem acuidade visual ou auditiva rebaixada o que apresenta paralisias ou problemas motores;
_ Fatores emocionais	Criança com muita ansiedade em relação à aprendizagem, quer por exigências familiares ou escolares. Crianças em estados depressivos causados por perdas. Crianças que não se adaptaram ao contexto escolar. Problemas mais graves que envolvem os estabelecimentos de vínculos emocionais com o ambiente (autismo, psicose);
_ Interação com o ambiente letrado	A maioria dos estudos indica que os distúrbios de aprendizagem começam antes da criança ingressar na escola. A qualidade da interação com o ambiente letrado e como as pessoas que dele se utilizam (pais, professores, etc.) teria grande peso no sucesso e no fracasso escolar;

_ Fatores escolares	Estudos têm mostrado que a interação professor/aluno é de suma importância no processo de aprendizagem. Professores que não acreditam na capacidade de aprendizagem de seu aluno tendem a conduzi-lo ao fracasso. Metodologias inadequadas também têm produzido fracasso escolar em crianças;
_ Rendimento limítrofe	As maiorias das crianças com problemas de aprendizagem apresentam um rendimento limítrofe nas provas. A média desse rendimento anda em torno do QI oitenta. As estruturas cognitivas não aparecem com retardo, mas sua aplicação resulta instável e submetida a regressões bruscas.
_ Normal baixo	Mesmo que os sujeitos de rendimento normal baixo possam obter eventualmente um QI igual ao limítrofe (oitenta e cinco como média) o protocolo indica menor dispersão e se observa maior homogeneidade na aplicação das estruturas construídas que costumam ser sólidas;
_ Normal	O sujeito normal é o que obtém um QI entre noventa e cento e dez;
_ Normal superior	O tipo de rendimento correspondente ao sujeito normal superior é o que merece em linguagem vulgar o qualificativo de inteligente. A maioria dos problemas de aprendizagem em crianças bem dotadas surge de uma má inserção escolar e de um predomínio na assimilação;
_ Superdotados	Os que têm QI superior a cento e trinta, quando apresentam problemas de aprendizagem mostram grande precocidade na aquisição de estruturas, que entra freqüentemente em contradição com uma carência na necessária acumulação da experiência no estágio anterior. Em geral, apresentam um déficit lúdico.
_ Diagnosticar o não	Aprender como sintoma consiste em encontrar sua funcionalidade, isto é, sua articulação na situação integrada pelo aluno e seus pais. A falta de aprendizagem revelará seu significado se prestarmos atenção à maneira como o sujeito é para o outro, evidentemente a partir de sua maneira particular de ser como organismo e como história.

A categoria aprendizagem é ampla e envolve problemas relativos ao desenvolvimento infantil. Veja os mais comuns:

_ Ritmo	- cada um tem uma velocidade própria para aprender. Crianças com distúrbio apresentam ritmo mais lento. Elas precisam de um tempo maior para compreender um novo conceito. Quando o professor planeja levando em conta as particularidades de cada aluno, evita que alguns fiquem pelo caminho;
_ Linguagem oral	- há crianças que não apresentam nenhum déficit auditivo que impeça a fala, mas a compreensão e a expressão estão prejudicadas, inclusive no aspecto cognitivo. Da mesma forma, há aquelas que estão aparentemente bem, mas revelam dificuldades gerais quanto à evolução escolar (redação, ortografia, leitura, compreensão de textos e exercícios matemáticos, etc.). Provavelmente, elas sofrem desse distúrbio de aprendizagem e precisam de atenção especial em classe;

_ Linguagem escrita	- são casos nos quais, apesar das habilidades orais estarem resolvidas, as crianças têm dificuldades no aprendizado da escrita. Língua Portuguesa, neste caso, é a disciplina mais prejudicada.
---------------------	---

Essas dificuldades de aprendizagem fazem muitas vezes com que quanto mais o indivíduo se sente inferiorizado, menos sucesso tenha e por isso, cabe aos educadores trabalharem com a motivação e maturação de seus educandos, além de desenvolver um trabalho dinâmico e rico em métodos, recursos e procedimentos para criar um espaço prazeroso para que haja a verdadeira aprendizagem.

Para Weiss (1999), a história e as condições de vida de cada indivíduo tem peso significativo em seu processo de aprendizagem e quando se fala em condições para a aprendizagem apontam-se as habilidades ou capacidades que o mesmo deve possuir para aprender adequadamente.

Os principais aspectos que devem se considerar para a aprendizagem segundo Weiss são:

- _ A coordenação motora e visual bem estabelecida;
- _ As habilidades motoras finas;
- _ Noções espaciais, de lateralidade e temporais;
- _ Discriminação;
- _ Memória visual e auditiva;
- _ Atenção e interesse.

Essas funções são denominadas como básicas neuropsicomotoras, como se a aprendizagem dependesse única e exclusivamente de habilidades que o indivíduo possui.

O fracasso ou dificuldade geralmente vem centrado no indivíduo aprendiz e atualmente tem se tornado cada vez mais evidente que as condições que podem assegurar a aprendizagem não se limitam apenas a esse conjunto de habilidades.

Harper (et. al. 1986), afirma que a escola não leva em conta as diferenças nas condições materiais de vida, pois se sabe que o tipo de família, o local de residência, o meio ambiente, o tempo de que dispõem os pais para se ocupar das crianças e ajudá-las nos deveres escolares desempenham um papel decisivo nos resultados obtidos pelos alunos nas escolas.

Outra diferença é a cultura, a criança chega à escola trazendo experiências, atitudes, valores, hábitos de linguagem, que constituem e refletem sua cultura familiar e seu meio social. O desenvolvimento de sua inteligência, personalidade e afetividade foi construído pela assimilação destas atitudes e destes valores e essas crianças estão mais habituadas, desde uma idade precoce, à linguagem que a escola usa porque os textos, livros e jornais já lhe são familiares e de fácil entendimento, além de serem utilizados como fonte de prazer e de informação. Essas crianças trazem o pensamento de que a escola é um mundo ligado à sua realidade e de suma importância para a sua vida futura e, assim cumprem melhor suas obrigações escolares, estando mais suscetíveis ao sucesso escolar.

A diferença das experiências adquiridas fora da escola também é importante, pois, as crianças e os jovens enriquecem-se a partir de conhecimentos adquiridos fora da escola e essas variam conforme o meio ambiente de onde provêm os mesmos e quais costumes culturais lhe são inculcados podendo influenciar nos resultados escolares.

Outro fator decisivo são as diferenças de atitude dos pais em relação à escola, pois estes, quando viveram a experiência de uma escolaridade longa, conhecem bem esse mundo e têm um poder de intervenção sobre os filhos muito maior que os que não frequentaram a escola ou se evadiram.

Essa questão torna-se mais delicada, principalmente quando se fala em inclusão, em diferenças individuais, diferentes ritmos de aprendizagem de cada indivíduo. Essa preocupação não pode ficar no discurso e nas intenções, pois esses problemas ocorrem com crianças que apresentam condições favoráveis para a aprendizagem, e devemos trabalhar de maneira firme e sistemática de modo a haver uma real mudança de atitudes por parte dos educadores se houver também crianças que necessitam de cuidados especiais.

Para Harper (et. al. 1986), o comportamento do educando na escola, sua atitude em relação ao educador, disponibilidade e motivação para os deveres depende da maneira que ele vivencia seu desenvolvimento e, a falta de sensibilidade dos educadores em relação ao amadurecimento afetivo de cada um está na raiz destes conflitos, bloqueios, frustrações e fenômenos de dependência que interferem na prática escolar.

É gratificante nos deparamos com professores que se preocupam em respeitar a dimensão afetiva e social de seus educandos e são levados a modificar

os programas e a organização de suas aulas como atrativas e conseqüentemente tornam suas turmas mais interessadas.

O educador que se lança numa experiência nova é levado a tratar de diferentes aspectos e sua própria experiência o fará ver a melhor maneira de lidar com o educando que tem problemas de aprendizagem em diferentes dimensões, tornando-o assim mais criativo, participativo, dinâmico e persistente.

Existem vários fatores que podem desencadear um problema ou distúrbio de aprendizagem: Fatores orgânicos – saúde física deficiente, falta de integridade neurológica, alimentação inadequada, etc. Fatores psicológicos – inibição, fantasia, ansiedade, angústia, sentimento de rejeição, etc. Fatores ambientais – tipo de educação familiar, grau de estimulação que a criança recebeu desde os primeiros dias de vida, influências dos meios de comunicação entre outros. (JOSE e COELHO, 1999).

Toda criança traz valores e culturas específicos e o educador deve estar atento ao seu desenvolvimento para evitar problemas futuros na aprendizagem e se isso ocorrer será imprescindível que se faça uma avaliação abrangente e minuciosa, pois se a escola tem obrigação de oportunizar o aprendizado, independente das diferenças, os profissionais da escola devem olhar para os educandos como diferentes sim, e que, por esse motivo, aprendem no seu tempo e de forma diferente também.

Um trabalho psicopedagógico poderá oferecer condições para que os educadores pudessem distinguir com mais clareza duas vertentes de perturbações na aprendizagem: uma que pode ser solucionada pelo próprio professor, com orientação da equipe técnico-pedagógica comum das escolas e outra que exige a intervenção de profissionais especializados. Essa distinção permitiria que os professores apoiados numa triagem criteriosa dos alunos, abandonassem as posturas patologizantes ou indiferentes, frente aos problemas de aprendizagem e delimitassem com mais clareza seus espaços de atuação. (SCOZ, 1994).

Aluno, família, escola e educadores são co-responsáveis do processo educativo e se influenciam, devendo compreender que o trabalho na educação envolve multiplicidades de fatores e que, com bom senso e conhecimento adequado podem conduzir seus educandos para o sucesso ou fracasso escolar

3 - OS TIPOS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Paín (1986), define a memória como a capacidade do indivíduo de gravar as experiências e acontecimentos ao longo da vida.

A memória pode ser dividida em quatro tipos:

- Tipos de material: verbal ou não verbal
- Modalidade de Experiência Sensorial; visual, auditiva, tátil e gustativa.
- Memória de Curto Termo: para informações apresentadas pelo menos há 30 minutos.

- Memória Remota; para informações que ocorreram há mais de 24 horas.

Segundo a autora, os transtornos de memória têm sido mais frequentemente relatados como déficits de habilidade, associados com algum tipo de disfunção cerebral. Problema de memória é também, frequentemente foco, de intervenções de tratamento, e podem ser classificados como Retrógrada (dificuldade de memória para informação codificada antes da lesão) e Anterógrada (dificuldade de memória para informações subsequentes à lesão).

Para Paín (1986), dentro de uma abordagem psicológica, existe distinção de 03 tipos de memória importantes de se destacar:

- A memória Psíquica ligada aos mecanismos de esquecimento.
- Memória Cognitiva referente ao estocar e evocar informações.
- Memória do "Saber Fazer"; ligada aos programas genéticos que necessitam de encontros com o ambiente, denominada Memória Potencial ou Latente.

A intervenção psicopedagógica em indivíduos que têm problema de retenção vem no sentido de auxiliar para que o mesmo faça um maior número de relações entre o objeto de estudo (o que quer ou precisa aprender) e suas estruturas mentais.

De acordo com Degani (2004), em relação aos distúrbios, a criança pode apresentar diversas causas a citar:

- **Orgânicas:** cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais (visão e

audição), deficiências motoras (paralisia infantil, paralisia cerebral, deficiências intelectuais como retardamento mental ou diminuição intelectual, disfunção cerebral e outras enfermidades.

- **Psicológicas:** desajustes emocionais provocados pela dificuldade que a criança tem de aprender e que geram ansiedade, insegurança e autoconceito negativo.

- **Pedagógicas:** métodos inadequados de ensino, relacionamento deficiente com o professor; falta de domínio e entendimento do conteúdo e do método de ensino.

- **Sociocultural:** falta de estimulação; desnutrição, privação cultural do meio; marginalização.

Para Degani (2004), outros fatores e situações podem ocasionar grandes dificuldades no trabalho escolar da criança como:

- **Incapacidade geral para aprender:** Pode ser resultado de uma inteligência inferior, ou de recursos cognitivos rebaixados. A dificuldade de aprendizagem é, em consequência, de natureza secundária, e não específica.

- **Imaturidade na iniciação da aprendizagem da leitura:** Nem todas as crianças atingem um nível de maturidade para a aprendizagem da leitura, pois é diferente o conceito de potencial cognitivo que está relacionado com o conceito de aptidão biológica, o qual constitui, principalmente, o reflexo de certos padrões de integração entre o sistema nervoso central e o ambiente. A iniciação precoce na aprendizagem conduz a dificuldades que podem adquirir o caráter de permanentes. A maturidade implica vários aspectos: linguísticos, visuais, emocionais e sociais.

- **Alterações no estado sensorial e físico:** Uma saúde deficiente pode constituir-se na base de uma incapacidade. Vários fatores podem intervir: disfunções glandulares, deficiências vitamínicas, problemas nutricionais, circulatórios, asma, alergia, etc. A doença é um fator contribuinte mais que causal. A doença em si não altera o processo de leitura, mas altera o processo normal de aprendizagem. Da mesma forma, aquelas crianças cujas condições motoras ou cujos órgãos sensoriais (visão, audição) ou da fala são muito deficientes podem ter grande atraso na aprendizagem.

- **Problemas emocionais:** Crianças que possuem inteligência normal e saúde adequada, mas que demonstram angústia, ansiedade e depressão podem apresentar diminuição na eficiência da aprendizagem. Pais excessivamente severos,

autoritários ou ansiosos podem originar, por deslocamento, medo do professor ou fobia à escola. Problemas emocionais severos, desorganização da personalidade comumente levam a criança a um estado regressivo, limitando-a a ter uma aprendizagem exitosa.

- **Carência cultural:** Estudos evidenciam a alta correlação existente entre o aspecto cultural do lar e da comunidade e o rendimento escolar. As crianças que tem experiências com livros, televisão, viagens, boa linguagem, etc. possuem potencial maior para captar e dar significado à folha impressa. O aspecto cultural afeta tanto a motivação como o incentivo para a aprendizagem.

- **Métodos de aprendizagem inadequados:** A instrução pode ser inadequada porque não está adaptada àquela criança individualmente, ou não é sistemática, ou o professor não enfatiza as habilidades básicas ou apresenta rigidez ou falta de flexibilidade quanto às diferenças individuais das crianças; demasiada ênfase em algum aspecto do processo; um método monótono, difícil que descuida dos interesses infantis entre outros.

A seguir, serão apresentados os distúrbios de aprendizagem e suas consequências, com bases nos estudos de Pain (1996):

3.1 - Dislexia

A dislexia é a incapacidade de aprender a ler de um indivíduo que possui a capacidade intelectual necessária. Vários são os termos dados a este transtorno como: dislexia específica, dislexia de evolução, antigamente era chamada cegueira verbal congênita.

O retardo de maturação significa lenta diferenciação em relação a um padrão estabelecido, sem que se especifique ser o déficit local, estrutural, específico ou fixo. A dislexia representaria um tipo especial de imaturidade cerebral, na qual se atrasaria a função de reconhecimento visual e auditivo dos símbolos verbais, é uma alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede a conexão adequada entre as áreas da visão, audição e da coordenação motora, dificultando o reconhecimento das letras e números, sua memorização em sequência e o domínio de habilidades como amarrar os sapatos ou abotoar a roupa. A compreensão de um texto fica assim comprometida, porque a criança gasta toda a sua concentração e energia tentando decodificar as palavras e não seu significado.

Devido à falta de informação dos pais e professores dos anos iniciais e a dificuldade de identificar os "sintomas" antes da entrada da criança na escola, a dislexia só vai ser diagnosticada quando a criança estiver nos dois primeiros anos do ensino fundamental. Nesse sentido a dificuldade na leitura significa apenas o resultado final de uma série de desorganizações que a criança já vinha apresentando no seu comportamento pré-verbal, não-verbal, e em todas aquelas funções básicas necessárias para o desenvolvimento da percepção, expressão e integração, condicionadas à função simbólica.

Para Exemplificar:

A Revista Nova Escola de Junho de 1999, traz uma reportagem sobre dislexia e conta que Thomas Edison nasceu com a cabeça muito grande, e que todos diziam que ele era anormal, mas sua mãe jamais concordou com isso. Quando seu professor afirmou que ele era deficiente mental, ela o retirou da escola e passou a ensiná-lo sozinha. Tom Cruise também é disléxico e decora seus papéis por meio de um gravador. Agatha Christie é a mais famosa escritora policial de todos os tempos, produziu suas dezenas de *best-sellers* ditando para um gravador ou uma secretária, ela tinha extrema dificuldade de escrever. Albert Einstein não falou até os quatro anos e só conseguiu ler aos onze, fracassou nos exames de admissão e precisou de um ano adicional de preparatório para passar. Cher, Oscar de melhor atriz em 1988, é portadora de dislexia.

Um filme Indiano emocionante chamado "Como Estrelas na Terra – Toda Criança é Especial", conta a história de um menino que sofre com dislexia e custa a ser compreendido. Ele tem nove anos, já repetiu o terceiro ano correndo o risco de repetir outra vez. O interessante é ver através do filme as letras dançando em sua frente, e ele não acompanha as aulas nem foca sua atenção. O pai acredita que o motivo é a falta de disciplina e o trata com muita rigidez, sem nenhuma sensibilidade e decide levá-lo a um internato, sem que a mãe possa dar opinião alguma. Essa atitude só faz com que o garoto regrida e se tranque num mundo só dele sem vontade de aprender e de ser uma criança. Ele entra numa depressão tamanha, sente falta da mãe, do irmão, da vida. De repente, surge um professor substituto de artes que percebe que algo está errado com o menino. Logo ele conclui que o menino é disléxico, pois ele também sofre o mesmo problema e, então, busca

resgatar a alegria o menino novamente através o que ele faz melhor: arte.

O filme é emocionante e nos faz entender um pouco o sofrimento das pessoas que têm dislexia, e vai muito além de tocar na sensibilidade de ser criança e educador; manda uma mensagem de nosso papel como ser humano.

O momento que nos leva a refletir como profissionais é quando o professor alerta para que não aconteça com o menino o que acontece com as árvores das Ilhas Salomão, que morrem após as pessoas ficarem gritando à sua volta. Muitas vezes, agimos assim com nossas crianças, e, assistindo a esse filme, talvez possamos refletir sobre esse detalhe mínimo, mas que pode mudar a vida de muitos.

3.2 - Dislalia

Segundo Paín (1986), a dislalia é o transtorno funcional primário que corresponde ao atraso da fala, à linguagem "bebê". É um evento oculto que não pode ser controlado diretamente. Dessa maneira, é muito parecido com o processo oculto de aprendizagem, que também não apresenta referência direta e só pode ser mensurado pela observação das alterações no desempenho. Infelizmente, a atenção é um pré-requisito da aprendizagem. Se ambos são mensurados por uma alteração no desempenho é devida à atenção imperfeita, a aprendizagem imperfeita ou a ambas.

A atenção na aprendizagem refere-se à seleção de estímulos dentre os vários utilizados no processo a fim de que se associe a resposta adequada. A criança precisa dispor da atenção seletiva para discernir dentre vários estímulos àquele que leva a uma resposta apropriada. A atenção deve estar centrada no conteúdo não na forma e recursos utilizados para a aprendizagem. Ao escutar uma explicação oral, além de se preocupar com a sua compreensão, há uma percepção de tom de voz, sotaque e outras observações que também fazem parte do estímulo. Caso a atenção não esteja centrada, como seletiva, desviará - se, não assimilando o essencial.

Na dislalia ocorre a omissão, substituição, distorção ou acréscimo de sons na palavra falada. Isto pode ser proveniente de falhas de articulação cuja origem pode ser orgânica (defeitos na arcada dentária, lábio leporino, freio da língua curto, língua tamanho acima do normal) ou funcional (a criança não sabe mudar a posição da língua e dos lábios).

Para Exemplificar:

A pessoa dislállica, pronuncia determinadas palavras de maneira errada, omitindo, trocando, transpondo, distorcendo ou acrescentando fonemas ou sílabas a elas e tem sua escrita também afetada.

Por ciúme de irmão mais novo que acaba e nascer, ou devido à separação dos pais a criança pode assimilar essa deficiência.

Segundo o fonoaudiólogo Simon Wajntraub (2010), há alguns casos comuns específicos de dislalia, que envolvem pronúncia do "K" do "G", nos quais, por falta de motilidade do palato mole, a pessoa omite tais fonemas (por exemplo, falando "ato" ao invés de "gato"; "ma'a'o" ao invés de MACACO). O "R" brando (que é pronunciado através da vibração da ponta da língua atrás dos dentes incisivos superiores); em muitos dos casos de dislalia, o "R" também costuma ser omitido ou pronunciado guturalmente (a pessoa fala como se fosse um francês ou um alemão falando Português).

As trocas de letras mais comuns provocadas pela dislalia são de "P" por "B", "F" por "V", "T" por "D", "R" por "L", "F" por "S", "J" por "Z" e "X" por "S".

O método do Dr. Simon Wajntraub para Tratamento da Dislalia consiste em fazer com que o paciente ouça suas trocas de fonemas na fala externamente, pela via aérea, uma vez que nós nos ouvimos mais internamente do que externamente e, muitas vezes, não reconhecemos nossa voz quando fazemos uma gravação.

O problema pode se refletir também na escrita, e sua correção obedece aos mesmos parâmetros da correção dos problemas da fala. Os professores que trabalham com alfabetização devem dar uma atenção especial às crianças que têm uma aprendizagem mais lenta e trocam letras ou apresentam outros sintomas da dislalia, insistindo no sentido de que exercitem a pronúncia e ortografia correta das palavras.

3.3 - Apraxias

Pain (1986), explica apraxias como a incapacidade de executar os movimentos apropriados a um determinado fim se não houver paralisias.

A apraxia é um transtorno psicomotor e neurológico.

- **Apraxia ideatória:** Neste caso, torna-se impossível para a criança "conceituar" (descrever) o movimento.

- **Realizações Motoras:** parece impossível executar determinado movimento, previamente elaborado. Não há transtorno do esquema corporal. Observa - se movimentos lentos, falta de coordenação.

- **Apraxia Construtiva:** Incapacidade de copiar imagens ou figuras geométricas. Pode haver um problema de lateralidade ao fundo.

- **Apraxia Especializada:** Só afeta a movimentos realizados com determinada parte do corpo

- **Apraxia Facial:** Refere-se à dificuldade de movimentar a musculatura do rosto. Apraxia Postural: Refere-se à incapacidade de realizar certas coordenações motoras

- **Apraxia Verbal:** O sujeito compreende a ordem motora que se lhe dá, mas é incapaz de realizá-la

- **Planotopocinesias e Cinesias Espaciais:** A criança mostra grande dificuldade em imitar gestos, por mais simples que estes sejam, já que são perdidos os pontos de referencia fundamentais (de acima - abaixo, direita - esquerda,...). O esquema corporal encontra-se muito desorganizado.

Para Exemplificar:

A criança que apresenta uma apraxia conhece o movimento que tem de fazer, mas não é capaz de realizá-lo corretamente.

O diagnóstico é o aspecto mais importante da apraxia.

3.4 - Disortografia

Paín (1986), comenta que a escrita com os erros, de que tratamos, pode ser o primeiro ou único achado de exame em caso de dislexia leve não examinado logo no início, podendo ter havido, mas já desaparecido, as dificuldades à leitura. Boa parte dos disléticos melhora razoavelmente nesta matéria, enquanto ainda comentem muitos erros à escrita. Os disléticos podem fazer toda a sua escrita em espelho, o que é, entretanto, raro. Quanto aos erros de omissão, o mais freqüente é suprimirem-se letras mudas ou vogais – BNDT (por BENEDITO), por exemplo.

É comum a tendência à união de duas ou mais palavras numa só, mas se pode também verificar a divisão de uma palavra, que o dislético escreve em duas

partes. Quanto à pontuação, pode haver na colocação de vírgulas, 90% das disortografias têm como causa um atraso de linguagem ou atraso global de desenvolvimento.

Para se caracterizar uma criança como disortográfica, deve-se observar o nível de escolaridade, frequência e tipo de erro. Este diagnóstico pode ser feito através de ditados e na produção de textos.

Depois de avaliado por um profissional fonoaudiólogo, este deve traçar um plano de tratamento, desenvolvendo um atendimento preventivo antes mesmo do terceiro ano de escolaridade da criança e quanto antes iniciar o tratamento melhor será o prognóstico.

Como exemplos temos:

- substituição das letras : (D/T S/C X/CH etc...)
- omissões : (balea /baleia)
- acréscimos :(ritimo /rítmo
- transposição: (tocovelo /cotovelo)

Classifica-s a disortografia em dois tipos:

- **De origem auditiva:** quando as substituições de letras se dão a nível de sons acústicamente próximos, ou seja, fonemas que se opõem pelo traço de sonoridade (sonoro / surdo). Exemplos: P/B = póla / bola; T/D = tato / dado; F/V = fome / vome; X / CH = xuva / chuva ; CH / J = chinelo / jinelo .

- **De origem visual:** mais freqüentes que auditivas, refletem falhas na percepção e na memória visual. Exemplos: S/ C/ SS/ Ç/SC/ X/ M/N/ J/G L/U X/Z/S.

A alta incidência deste tipo de erro parece em primeiro lugar nas peculiaridades da língua portuguesa, em que um fonema pode ser representado por vários grafemas: o som do S é grafado por S/ SS/ C/ Ç/ SC/ SÇ/ X. Um fonema possui fonemas diversos: o X com som de CH/S/Z/CS .

3.5 - Afasia

Segundo Païn (1986), afasia é a perda parcial ou total da capacidade de linguagem, de causa neurológica central decorrente de AVC (Acidente Vascular

Cerebral), lesões cerebrais nas áreas da fala e linguagem. Conforme a extensão e localização da lesão o paciente pode apresentar um ou mais sintomas como perda total ou parcial da articulação das palavras; perda total ou parcial da fluência verbal; dificuldade de expressar-se verbalmente; nomear objetos; repetir palavras; contar; nomear, por exemplo, os dias da semana, meses do ano; ou ainda perda da noção gramatical; perda total ou parcial da habilidade de interpretação, não reconhece o significado das palavras; ler; escrever; perda total ou parcial da capacidade de organização de gestos para comunicar o que quer.

A autora ainda ressalta uma redução da expressão verbal com transtornos articulares freqüentes, uma compreensão oral raramente perturbada, uma alexia freqüente acompanhando-se de transtornos da escrita. Afasias póstraumáticas ou tumorais das quais poderíamos obter certas características; redução da expressão verbal oral mas sobretudo escrita, freqüência muito maior dos transtornos da realização da linguagem, em menos grau, da compreensão da linguagem, evolução um tanto favorável quando a lesão não é evolutiva.

Os pacientes podem aprender outros códigos comunicativos para suprir a deficiência da fala e a família deve ser atendida por profissional psicólogo, pois a família é o maior estímulo e modelo comunicativo e deve ser orientada e acolhida.

3.6 Disfasia / Audiomudez:

Transtornos raros da evolução da linguagem. Trata-se de crianças que apresentam um transtorno da integração da linguagem sem insuficiência sensorial ou fonatória; que podem, embora com dificuldade, comunicar-se verbalmente e cujo nível mental é considerado normal.

3.7 - Disfasia:

Transtorno da linguagem - afasia congênita. Cujos transtornos se referem a recepção e análise do material auditivo, verbal e dificuldades com o discurso, perturbações na comunicação verbal como é o caso a Gagueira ou Tartamudez que é uma doença neurológica que se manifesta através de uma disfunção da fala, com repetições de sílabas, palavras ou falas a partir de longas pausas ao pronunciar palavras e/ou frases.

Pode se diferenciar gagueira da disfemia, sendo disfemia usada para

designar a doença, e gagueira usada para denominar o sintoma da disfemia, o ato de falar com paradas e repetições.

As causas da gagueira são muitas. É considerada uma doença que tem origem no cérebro mostrando alterações no funcionamento do mesmo, há também um componente genético, provavelmente o cromossomo 12 contendo o gene ou grupo de genes responsáveis pela gagueira, e ainda fatores comportamentais, psicológicos, de educação e eventos de vida que afetam e dificultam a aprendizagem do indivíduo.

3.8 Ecolalia:

Repetição da fala do interlocutor. A ecolalia já foi considerada um aspecto não funcional e inadequado, frequentemente presente na linguagem do indivíduo psicótico. Poucos autores, quando mencionam a ecolalia como um componente da fala de crianças psicóticas, têm demonstrado preocupação em definir exatamente o que estão chamando de ecolalia; o mesmo acontece em relação à "ecolalia tardia", "ecolalia imediata" e "ecolalia mitigada".

Para Schuler (1979), a ecolalia é a repetição não significativa da fala dos outros.

Complementando a definição, Bernard Optiz (1982) define ecolalia como a presença de emissões que são repetições, ou de suas próprias emissões ou de emissões do interlocutor, nitidamente sem intenção comunicativa; essa repetição pode ser exata ou modificada; a noção semântica deve ser constante; respostas ecóicas imediatas e tardias estão incluídas.

Apesar dessas distinções serem feitas por diversos autores há vários anos e de, clinicamente, haver uma clara evolução entre a "ecolalia tardia", a imediata e a mitigada, no sentido de uma comunicação mais eficaz, a American Psychiatric Association menciona apenas o termo ecolalia em sua lista de sintomas para o diagnóstico de síndrome autista (1989).

3.9 Problemas graves de comunicação

A criança com dificuldades de aprendizagem pode apresentar um bloqueio ao se expressar com outros.

3.10 – Mutismo Seletivo

É uma condição de ansiedade social, na qual uma pessoa que é capaz de falar é incapaz de expressar-se verbalmente diante de algumas situações.

3.11 - Disglossias

É caracterizada por uma dificuldade na produção oral ocasionada por alterações anatômicas e/ou fisiológicas dos órgãos envolvidos na fala e cuja causa seja de origem periférica, não relacionada diretamente com alterações neuropsicológicas. Existem diversas causas que incluem: malformações congênitas craniofaciais, transtornos do crescimento que afetam diretamente os órgãos da fala e anomalias adquiridas como consequência de lesões na estrutura orofacial ou extirpações cirúrgicas. Má oclusão por malformações; atresia ou ressecção mandibular; lábio leporino com ou sem fissura palatina; traumatismos craniofaciais; véu palatino paralisado, alongado ou fissurado; anquiloglosia; glosectomia; paralisia da língua e alterações na cavidade nasal são algumas das causas de disglossia.

3.12 - Atraso da fala

Algumas crianças apresentam perturbação no desenvolvimento da linguagem que não pode ser explicado por déficits de percepção sensorial, capacidades intelectuais ou funcionamento motor ou sócio-econômico. Os atrasos de linguagem podem acarretar dificuldades em toda a vida do sujeito, pois a aquisição de linguagem acontece como uma continuidade durante todo o desenvolvimento. Alguns processos facilitadores da fala, vocabulário restrito, uso reduzido de artigos, preposições, expressões incorretas de tempos verbais evidenciam uma habilidade reduzida do uso da língua, caracterizando um atraso leve de linguagem. Quanto maior a intensidade das características acima citadas maior é a complexidade e o agravamento do grau do atraso na linguagem.

3.13 - Atraso de Linguagem:

Considera-se atraso de linguagem crianças que até um ano e meio não falam palavras isoladas e a partir dos dois anos não formam frases completas.

As prováveis causas são a falta de estímulo adequado, atraso psicomotor, perda auditiva parcial ou total, problemas neurológicos, entre outros.

A autora considera o atraso na linguagem criança que: até um ano e meio não falam palavras isoladas; a partir dos dois anos não formam frases e as possíveis causas podem ser quando os pais ou aqueles que cuidam da criança não esperam que a mesma exprima sua vontade, antecipam-se fazendo aquilo que a criança quer, fazendo com que a criança não sinta necessidade de falar; Quando não há estímulos, quando o meio sócio-afetivo-cultural não é adequado; quando há atraso psicomotor; quando há perda auditiva parcial ou total; quando há problema neurológico. O tratamento deve ser com fonoaudiólogo e será identificado o nível de linguagem, as causas do atraso, orientação da participação familiar.

3.14 – Hiperatividade

Segundo Paín (1986), a imagem composta da primeira infância e da meninice das crianças hiperativas é a de crianças que têm dificuldade de alimentar-se, de dormir, estão muitas vezes em mau estado de saúde e não aprendem a falar, ou só falam adequadamente após os três anos de idade ou mais.

A hiperatividade é um problema de ordem neurológica, que traz consigo sinais evidentes de inquietude, desatenção, falta de concentração e impulsividade em geral se associa as dificuldades na escola e no relacionamento com demais crianças, pais e professores. Estas crianças se encontram em: Transtornos Emocionais; Deficiência Mental, Desenvolvimento Psicomotor.

Hoje em dia é muito comum vermos crianças e adolescentes sendo rotulados como DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção), porque apresentam alguma agitação, nervosismo e inquietação, fatores que podem advir de causas emocionais.

3.15 – Déficit de Atenção

É um evento oculto que não pode ser controlado diretamente. Dessa maneira, é muito parecido com o processo oculto de aprendizagem, que também não apresenta referência direta e só pode ser mensurado pela observação das alterações no desempenho. Infelizmente, a atenção é um pré-requisito da

aprendizagem. Se ambos são mensurados por uma alteração no desempenho é devida à atenção imperfeita, à aprendizagem imperfeita ou ambas.

A atenção na aprendizagem refere-se à seleção de estímulos dentre os vários utilizados no processo de aprendizagem, a fim de a ele associar a resposta adequada. A criança precisa dispor da atenção seletiva para discernir dentre tantos estímulos aquele que leva a uma resposta apropriada. A atenção deve estar centrada no conteúdo propriamente, não na forma e recursos utilizados na aprendizagem do mesmo. Ao escutar uma explicação oral, além de preocupar-se com a compreensão da mesma, há uma percepção de tom de voz, sotaque, etc; que também fazem parte do estímulo. Caso a atenção não esteja centrada, (atenção seletiva); ela se desviará, não vingando o essencial.

3.16 - Discalculia

Caracteriza - se pela dificuldade em qualquer uma das atividades aritméticas básicas, tais como quantificação e numeração ou cálculo aritmético. É causada por disfunção de áreas temporo-parietais, ocorre em razão de uma falha na formação dos circuitos neurais, ou seja, na rede por onde passam os impulsos nervosos. No entanto, a discalculia, assim como outros distúrbios de aprendizagem, não é considerada uma doença e sim uma dificuldade que pode ser contornada com acompanhamento adequado, direcionado às condições de cada caso.

Os sinais da discalculia podem começar quando a criança inicia sua vida escolar ou um pouco mais tarde.

Para determinar se uma criança ou adulto tem discalculia é necessário uma avaliação rigorosa de um psicólogo ou médico. Depois de diagnosticada a dificuldade, a ajuda de um psicopedagogo é muito importante.

A pessoa que convive com a discalculia tem dificuldades com leitura e compreensão de números, dificuldades em entender conceitos e símbolos entre outras.

Finalizando, é importante salientar que em todos os problemas de aprendizagem, no tratamento das disfunções da memória é importante identificar a fonte de dificuldade bem como a natureza e parâmetros da disfunção, pois entendendo o mecanismo da dificuldade pode-se conduzir ao desenvolvimento das

intervenções apropriadas e obter resultados satisfatórios para os indivíduos que apresentam esses problemas.

4 - O PAPEL FAMILIAR E O TRABALHO DO PSICOPEDAGOGO

Rogers (1988), afirma que as dificuldades podem significar uma alteração no aprendizado da leitura e escrita ou alterações genéricas do processo de aprendizagem, e pode afetar além da leitura e escrita, fatores orgânicos, motores, intelectuais, sociais e emocionais.

Dificuldade de Aprendizagem é uma desordem que afeta as habilidades pessoais do sujeito em interpretar o que é visto, ouvido ou relacionar essas informações vindas de diferentes partes do cérebro. Essas limitações podem aparecer de diferentes formas: dificuldades específicas no falar, no escrever, coordenação motora, autocontrole, ou atenção. Essas dificuldades abrangem os trabalhos escolares e podem impedir o aprendizado da leitura, da escrita ou da matemática. Essas manifestações podem ocorrer durante toda a vida do sujeito, afetando várias facetas: trabalhos escolares, rotina diária, vida familiar, amizades e diversões. Em algumas pessoas as manifestações dessas desordens são aparentes. Em outras, aparece apenas um aspecto isolado do problema, causando impacto em outras áreas da vida. (POLITY, 1998) .

Segundo o autor (1988), para que haja compreensão das alterações no processo de aprendizagem é necessário considerar-se tanto as condições internas do organismo quanto as condições externas, fatores como linguagem, inteligência, dinâmica familiar, afetividade, motivação e escolaridade, devem desenvolver-se de forma integrada para que o processo se efetive.

A família, desconhecendo as necessidades do indivíduo e a maneira mais certa de lidar com os problemas necessita de orientações que ofereçam um suporte e possibilitem ajuda.

O cotidiano influencia no desempenho da criança e em seu processo de aprendizagem, e os profissionais que trabalham com esses indivíduos muitas vezes,

sentem-se limitados quanto às orientações a serem dadas pela falta de conhecimento aprofundado sobre os diversos aspectos familiares que podem contribuir para um resultado mais desejável.

O comportamento dos familiares, leva a questionar a respeito da sua influência sobre a aprendizagem.

Há mães que demonstram excessiva ansiedade quanto a superação da dificuldade da criança; outras que se mostram impacientes quanto ao desempenho insatisfatório que o filho apresenta; mães que atribuem todo o problema à criança e a caracterizam como "preguiçosa", "lerda", "distraída"; mães que negam a dificuldade que a criança demonstra; mães que não acompanham as atividades de seu filho e mães que punem a criança pela seu fracasso nas atividades escolares. (MARTURANO, 1999)

Muitos pais desconhecem como ocorre a aprendizagem, surgindo sempre conflitos associados a essas manifestações e as relações familiares são de suma importância no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, sendo necessária uma parcela de compreensão do processo por ambas as partes, para que cheguem a um consenso a fim de resolver o problema.

Não é suficiente transmitir aos pais as atividades específicas a serem realizadas, e sim analisar a situação e buscar caminhos que facilitem o desenvolvimento global do indivíduo com dificuldades.

A importância da família no processo de aprendizagem é de grande importância devido aos esclarecimentos que devem ser apresentados para que a mesma aprenda a lidar com o problema e saiba participar da vida do seu ente através da boa convivência, mesmo que com dificuldade.

Essa problemática gera nos pais sentimentos de angústia e ansiedade por se sentirem impossibilitados de lidar de maneira acertada com a situação ou a melhor maneira de trabalhar com isso. (MARTINS, 2001)

Segundo Marturano (1998), através das experiências e relações interpessoais, a família pode promover o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança. Ela pode criar situações no dia a dia que estimularão esses aspectos, desde que esteja desperta para isso. Além disso, a participação da criança nas atividades rotineiras do lar e a formação de hábitos também são importantes na aquisição dos requisitos básicos para a aprendizagem, pois

estimulam a organização interna e a habilidade para conviver com os problemas e de maneira natural.

É dentro do seio familiar que se realizam as aprendizagens básicas necessárias para o desenvolvimento na sociedade, limites, valores, linguagem, controle da impulsividade e os grupos sociais determinam positivamente ou negativamente essas características, daí a grande responsabilidade da família no que diz respeito a formação do caráter de seus componentes.

Os pais devem conhecer a tendência natural, instintiva que direciona seus filhos ao processo de desenvolvimento de suas potencialidades não dificultando ou impedindo o crescimento espontâneo dos mesmos.

Muitos pais querem “desenvolver” os filhos a todo custo por não conhecerem suas necessidades e acabam por prejudicá-los.

Por isso é tão importante o modo como os pais lidam com os filhos, podendo ou não ajudá-los no desenvolvimento de suas potencialidades e na relação do mesmo com o mundo, possibilitando-lhes o enriquecimento pessoal através das experiências que o meio lhes proporciona.

Através de trocas de experiências e sentimentos, orientação firme quanto aos comportamentos adequados, possibilidade de escolhas, certa autonomia nas suas ações, organização da sua rotina, oportunidade constante de aprendizagem e respeito e valorização como pessoa surge ou não a adequação do processo de desenvolvimento do indivíduo.

Segundo Grunspun (1958), a criança necessita de equilíbrio entre condutas disciplinares e diálogo, compreensão e carinho. Num processo educativo os pais vivenciam a necessidade de um trabalho de autoanálise, reestruturação de comportamentos, crenças, sentimentos e desejos e necessitam obter êxito na conquista em relação primeiramente a si mesmos, a fim de dar exemplo aos filhos para que sejam justos, disciplinados, honestos, responsáveis e tenham seu caráter definido como bom e isso ocorre no dia a dia através de uma comunicação transparente e sincera entre pais e filhos.

Para Tiba (1999), criar filhos não significa torná-los perfeitos, pois os pais têm muitas dúvidas e estão sujeitos a muitas falhas; mas é necessário identificar os conflitos e procurar desfazê-los, aprendendo a conviver. A partir dos conflitos, os pais desenvolvem a percepção de si mesmos e de seus filhos. Essas situações estimulam pais e filhos a instalar um diálogo verdadeiro, expor o entendimento e

sentimento em relação às experiências cotidianas, assim surgem os aspectos fundamentais do processo educativo revelando que os pais devem respeitar o sentimento dos filhos e cabe a eles negar ou aceitar com firmeza e determinação as atitudes que possam contrariar o que desejam para sua educação.

Segundo Tiba (1999), muitas dificuldades escolares apresentadas pelas crianças, relacionadas à falta de concentração e indisciplina ocorrem devido a ausência de limites. Houve a geração que educou os filhos, obrigado - os a cumprir as determinações que lhes eram impostas pelos pais, em seguida surge a geração que contestou esse sistema e agiu de maneira oposta, através da permissividade deixando seus jovens sem padrões de comportamentos e limites, formando uma geração com mais liberdade e menos responsabilidade.

Tanto na família quanto na escola há necessidade de orientação das crianças quanto às regras disciplinares, para que elas possam desenvolver sua capacidade de concentração e de apreensão dos conceitos. A aprendizagem se dá de maneira gradativa e não será possível sem a participação ativa do aluno, de maneira disciplinada, orientada. (TIBA, 1999).

Os pais devem preparar os filhos para que sejam responsáveis por suas atitudes, pois na medida em que a criança vai aprendendo a cuidar de si mesma, experimenta a sensação de enfrentar desafios e cada realização é um aprendizado que servirá de base para um novo aprendizado e realizando suas vontades e necessidades, a criança vai gostando de si mesma e desenvolvendo a valorização e elevação de sua autoestima.

O relacionamento familiar também é fundamental no processo educativo. A criança estará muito mais receptiva às instruções dos pais, se os membros da família se respeitam mutuamente, conversando e colaborando um com o outro.

É importante a participação dos pais na vida dos filhos, numa convivência como companheiros, compartilhando emoções, expectativas, sendo bem realistas no que diz respeito às escolhas e isso tudo contribui para o bom desenvolvimento no processo de aprendizagem dos filhos.

Muitas vezes, a família necessita da ajuda dos profissionais na aquisição desses conhecimentos básicos e essenciais para que possa cumprir seu papel de facilitadora do processo de aprendizagem de seus filhos, através de comportamentos mais adaptativos devido à falta de informação ou até mesmo

ignorância no que diz respeito aos problemas.

Marcelino (1998) relata que o psicopedagogo contribui para a educação de forma rica devido à abrangência e complexidade do processo de aprendizagem, implicando componentes de vários eixos de estruturação tais como sociais ou políticos, afetivos, motores, cognitivos e outros tantos e assim, a causa do sucesso de aprendizagem, bem como de suas dificuldades, não se localiza somente no aluno e no professor, passando a ser vista como um processo maior, de inúmeras variáveis que precisam ser apreendidas com bastante cuidado pelos profissionais que lidam com essas pessoas.

Um outro problema grave a ser ressaltado é uma concepção redutora do modelo piagetiano que tem sido adotada em boa parte dos cursos de Pedagogia, no qual são privilegiadas apenas as colocações iniciais da sua obra. Ela tem direcionado os professores a conceberem o processo de ensino-aprendizagem de uma maneira estática, universalista e atemporal. Com isto ficam de fora as contribuições mais importantes de Piaget em relação aos processos de equilíbrio e reequilíbrio das estruturas cognitivas (MARCELINO, 1998).

Marcelino (1998), questiona que o educador já não se defronta com um processo linear de crescimento e desenvolvimento, tanto no desenvolvimento intrínseco como na expressão, mas com uma realização descontínua em que fases e períodos se entrelaçam, se opõem dialeticamente, oposições de que resulta uma nova estruturação afirmando que sem estabilidade não há desenvolvimento e os fins da pedagogia deveriam apontar para o homem futuro.

Para Oliveira (1995), é fundamental perceber o aluno em toda a sua singularidade, captá-lo em toda a sua especificidade em um programa direcionado a atender as suas necessidades especiais e essa percepção comanda o processo de desenvolvimento. Isto porque o uso do modelo universalista camufla normalmente uma concepção pré-estabelecida do processo de desenvolvimento do sujeito. Na intervenção psicopedagógica deve-se evitar as chamadas "profecias autorealizadoras", isto é, prognósticos que o professor lança a respeito do processo de desenvolvimento de seu aluno sem levar em consideração o seu desempenho.

É preciso que o psicopedagogo também altere a sua forma de conceber o processo de ensino-aprendizagem. Ele não é um processo linear e contínuo que se encaminha numa única direção, mas apresenta muitas faces e etapas, com

caminhos cheios de agruras e transformações contínuas.

O processo de ensino-aprendizagem inclui também a não-aprendizagem, ou seja, a não-aprendizagem não é uma exceção dentro do processo de ensino-aprendizagem, mas se encontra estreitamente vinculada a ele. O aluno pode se recusar a aprender em um determinado momento. O chamado fracasso escolar não é um processo excepcional que ocorre no sentido contrário ao processo de ensino-aprendizagem. Constitui, sim, exatamente a outra face da mesma moeda, o seu lado inverso e o processo de ensino-aprendizagem, do ponto de vista psicopedagógico, apresenta sempre uma face dupla: de um lado, a aprendizagem, e do outro, a não-aprendizagem.

O jogo do saber-não-saber, conhecer-desconhecer e suas diferentes articulações, circulações e mobilidades, próprias de todo ser humano ou seus particulares nós e travas presentes no sintoma, é o que nós tratamos de decifrar no diagnóstico. (FERNANÉZ, 1991).

A partir dessas considerações vemos que a aprendizagem coloca em foco as diferentes dimensões do aprendiz sob a ótica integradora dos aspectos cognitivo, afetivo, orgânico e social. O olhar sobre estes aspectos, relativiza a importância da escola na aprendizagem e coloca em foco a importância da reunião de fatores que vão além dos muros da escola e interferem diretamente no processo de construção do conhecimento do indivíduo.

Segundo Silva (1998), o aprender como processo e o processo de construção do conhecimento não têm relação necessária com o ensinar pois ambos antecedem e ultrapassam o ensinar, assim, passa a existir a necessidade de o psicopedagogo investigar com profundidade os contextos do aprendiz e tentar reuni-los em uma síntese a fim de viabilizar a aprendizagem.

O aprender envolve recursos cognitivos mesclados com processos internos e possibilidades socioafetivas, assim a aprendizagem vai acontecendo na medida que ocorre a construção de significados que são resultados das interações que o indivíduo fez e continua fazendo em seu contexto social.

O modelo de aprendizagem não se caracteriza como algo individual, mas também como um modelo desenvolvido em uma rede de vínculos que se estabeleceu em família, pois é esta que dá as noções básicas para que o indivíduo cresça diferenciado dos demais.

CONCLUSÃO

Concluimos que quando a criança vai para a escola, a preocupação é de que está na hora de aprender a ler e escrever, mas é necessário que se tenha consciência dos aspectos da linguagem e, por isso, algumas crianças encontram inicialmente alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita.

Diante de questionamentos no que diz respeito aos problemas de aprendizagem essa pesquisa possibilitou muitos esclarecimentos para que se busque entendimento sobre muitos problemas apresentados.

Existem muitos estudos sobre as dificuldades de aprendizagem, mas nem todos os alunos que apresentam dificuldades podem ser considerados alunos portadores de distúrbios. Podemos perceber que algumas pessoas apresentam mais dificuldades no processo de aprendizagem, às vezes apresentando uma discrepância extrema em relação às que aprendem como o esperado. Essas dificuldades acentuadas pode ser algum tipo de distúrbio que resulta em vários problemas de aprendizagem.

De acordo com a literatura pesquisada, observou-se os efeitos da rotulação e dos problemas de aprendizagem na escola, necessitando, ainda mais a atuação dos profissionais psicopedagogos dentro das instituições escolares, diagnosticando, auxiliando os professores na sala de aula e, principalmente, na prevenção dos casos de alunos com problemas de aprendizagem, evitando mais um fracasso escolar.

Este trabalho possibilita a compreensão da importância da relação cordial entre família e escola, ficando claro que ambas devem caminhar juntas, pois torna-se necessário este entrosamento para que os alunos tenham uma aprendizagem satisfatória para ambas as partes, escola e família.

Vivemos numa época de transformação e o enriquecimento intelectual e pessoal é muito importante para o futuro de nossos jovens que necessitam mais e

mais de informações devido à grande globalização, portanto esse trabalho não teve pretensão de esgotar o assunto, e sim contribuir para que sempre haja uma reflexão sobre o tema com o propósito de abrir espaço para novas pesquisas e discussões e para orientar professores, alunos e pais sobre novas possibilidades de como agir diante dos problemas de aprendizagem.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIUK, Sérgio A. Dificuldades na Aprendizagem, UFPR, 2003.

APRAXIAS, <http://www.bhonline.com.br/marta/apraxias.htm> acesso em 05/04/2011

BERNARD-OPTIZ, V. Pragmatic Analysis of the Communicative Behavior o fan Autistic Child. *Journal of Speech andHearing Disorders*, 47(1); 99- 109, fevereiro, 1982

BRASIL, Lei nº 8069,de 13 de julho 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente, Diário Oficial da União. 27/set/1990.

CASTAÑO, J. Bases Neurobiológicas del Lenguaje y Sus Alteraciones. *Rev. Neurol.* 2003; 36(8):781-5

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; etil. Desenvolvimento Psicológico e educação: psicologia da educação escolar. Tradução: Fátima Murrad. - 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, v. 2

COMITÊ NACIONAL DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. EUA, 1997

CORRÊA, Rosa M. Dificuldades no aprender: um outro modo de olhar. Campinas:Mercado de Letras, 2001.

DEGANI, Iara Cristina Camparis. Dislexia: dificuldade específica de aprendizagem. Batatais : Centro Universitário Claretiano, 2004.

DISORTOGRAFIA <http://www.centrodefonoaudiologia.com> acesso em 05/04/2011

DISTÚRBIOS <http://www.boasaude.uol.com.br> acesso em 24/03/2011

FERNÁNDEZ. A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GADOTTI, M. A Formação do administrador da educação: análise de propostas. *Revista Brasileira de Administração da Educação (RBAE)*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 38-45, jul./dez. 2000

GAGUEIRA <http://www.artigonal.com/medicina-artigos/gagueira> acesso em 07/04/2011

GRIFFO, Clénice. Dificuldades de aprendizagem na alfabetização: perspectivas do aprendiz. In: SENA, Maria G. C.; GOMES, Maria F. C. Dificuldades de aprendizagem: na educação. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.p.39-54

GRUNSPUN, H. Autoridade dos pais e educação da liberdade. São Paulo: Almed, 1985.

HARPER, B *et. Al.* Cuidado, escola: desigualdade, domesticação e algumas saídas. 23 ed. São Paulo; Brasiliense. 1986.

JOSÉ, Elizabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. Problemas de Aprendizagem. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARCELINO, Lourdes. Administração e supervisão escolar: questões para o novo milênio. São Paulo: Pioneira, 1998.

MARTINS, Nanci de Almeida Rezende. Análise de um trabalho de orientação a famílias de crianças com queixa de dificuldade escolar. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In: C. A. Funayama (Org.). Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

MARTURANO, E. M. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. In: Psicologia: teoria e pesquisa, v. 15, n.2, p. 135-142, mai.ago./1999.

MIRANDA, M. I. Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização: contribuições da teoria piagetiana. Araraquara: JM Editora, 2000.

MIZUKAMI, M.G.N. Ensino, as Abordagens do Processo: EPU, 1986

MORAIS, Antônio Manuel Camploma. Distúrbios da aprendizagem. São Paulo: Edicon, 2001.

NOVA ESCOLA. Ano XIV, nº123, junho 1999.

NUNES, Terezinha. BUARQUE Lair e BRYANT Peter. Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática. Editora Cortez. São Paulo. 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1995

PAÍN, Sara. Diagnósticos e tratamentos dos problemas de aprendizagem. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____ Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985 / 1986.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W. Desenvolvimento humano. 7ª ed. Porto Alegre, 2000.

PATTO, M. H. S.. A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. 385 p.

PATTO, M. H. S. . Introdução À Psicologia Escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982. 430 p.

POLITY, E. Pensando as dificuldades de aprendizagem à luz das relações familiares. In: Psicopedagogia: um enfoque sistêmico. São Paulo: Empório do livro, 1998.

ROGERS, C. O tratamento clínico da criança-problema. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SCHULER, A .L . – Echolalia : issues and clinical applications. Journal of Speech and Hearing Disorders, 44 (4) : 411-31, 1979.

SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. 2ª ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1994.

SENA, Maria G. C.; GOMES, Maria F. C. Dificuldades de aprendizagem: na educação. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

SILVA, Maria Cristina da. Saberes e dizeres diferentes de crianças que "fracassam" na escola. In: SENA, Maria G. C.; GOMES, Maria F. C. Dificuldades de aprendizagem: na educação. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.p.55-67

SILVA, Maria Cecília Almeida. Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SMITH, Corine, STRICK, Lisa. Dificuldade de Aprendizagem de A a Z. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TIBA, Içami. Disciplina na medida certa. São Paulo: Gente, 1999

WAJNTRAUB Simon. Instituto de Oratória & Fonoaudiologia 2010 – www.boasfalas.com.br acesso em 03/04/2011.

WEISS, Maria Lúcia L. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

ERIKA VIEIRA CARDEAL

ORIENTADORA: Valéria Cristina Ruiz Felix

São Sebastião do Paraíso- MG

2011